

Intervenções Musicais na Educação Infantil: um relato de duas pedagogas em formação

Comunicação

Bárbara Canuto
Universidade Federal Fluminense
barbaracanuto47@gmail.com

Dayane Fernandes Barcellos
Universidade Federal Fluminense
dayanefbs@id.uff.br

Luciana Requião
Universidade Federal Fluminense
lucianarequiao@id.uff.br

Resumo: O texto apresenta o relato da experiência de duas estudantes de pedagogia em um projeto de música realizado em turmas de Educação Infantil. Alguns pressupostos da ação pedagógica são apontados e duas atividades de intervenção descritas. Observamos que a experiência vivida nos proporcionou a quebra da visão que tínhamos, de que a música era algo restrito a especialistas, e apontamos a importância de vivências em sala de aula em nosso processo de formação.

Palavras-chave: Educação Musical, Pedagogia, Educação Infantil.

Introdução

O presente texto apresenta o relato de experiência de duas alunas do sétimo período do curso de pedagogia do Instituto de Educação de Angra dos Reis (IEAR) - Universidade Federal Fluminense (UFF). Nos chamamos Bárbara Canuto e Dayane Fernandes, e decidimos escrever esse artigo para comentar nossa experiência no projeto de música que fizemos parte, coordenado pela professora Luciana Requião.¹

O projeto foi iniciado em 2011, e tivemos a oportunidade de conhecê-lo no primeiro semestre de 2018, logo após nosso ingresso no curso. Desde seu início o projeto passou por diversas fases². Um de seus maiores êxitos foi contribuir com o processo de inclusão da música como componente curricular obrigatório do curso de pedagogia do IEAR

¹ As estudantes atualmente são bolsistas de Iniciação Científica com bolsa FAPERJ e CNPq, respectivamente.

² Para conhecer as etapas e realizações do projeto ver <http://projetomusica2011.blogspot.com/>.

e propiciar formação inicial e continuada em música aos professores da rede pública do município de Angra dos Reis e de municípios vizinhos.

Um dos pressupostos desse projeto é a certeza de que a formação de pedagogas e pedagogos não pode prescindir da arte, em particular da música. Tratamos da música como uma forma particular de conhecimento, fundamental para nossa formação bem como para o trabalho que realizaremos enquanto profissionais da Educação.

Quando nos aventuramos a participar do projeto de música estávamos ávidas em “por a mão na massa”. Por coincidência, a professora coordenadora estava propondo que o grupo de estudantes participantes do projeto fizessem intervenções musicais em sala de aula com estudantes da educação infantil de uma escola municipal que está localizada ao lado do IEAR. Era tudo o que queríamos! Mas, como proceder se até então não tínhamos nenhuma formação em música?

Bem, a biblioteca do projeto conta com muitos materiais didáticos disponíveis, e o incrível é que a maioria é destinada a professoras como nós, que somos chamadas de “não especialistas”. A coordenadora do projeto estava preocupada, naquele momento, em observar como nós poderíamos nos apropriar daquele material. O que de fato compreenderíamos? Como colocaríamos em prática as atividades propostas? De que modo selecionaríamos o material a ser trabalhado?

É um pouco disso que iremos tratar no texto que segue.

Alguns pressupostos sobre a Importância da música no desenvolvimento da criança

De acordo com Lino (2010), a infância é um grupo social envolto em realidades diversas e que tem uma cultura própria. A música, enquanto prática social e cultural, se faz presente na vida das crianças por variados meios e contextos, o que resulta na criação de sujeitos que participam de trocas e interações diversas. É curioso observar o quanto bebês e crianças estão sempre explorando e investigando novos meios de barulhar. O ato de barulhar é para as crianças “um processo de transbordamento conquistado sempre que elas têm liberdade para brincar com sons” (LINO, 2010, p.86).

Esse foi o “ponta pé” inicial para nos dar a confiança de que poderíamos sim contribuir para o processo de desenvolvimento de bebês e crianças, e para isso bastava que oferecêssemos um ambiente de acolhimento e liberdade para os pequenos, onde os sons

pudessem ser explorados e investigados. Naquele momento o grupo participante do projeto discutia alguns artigos que, assim como o de Lino, nos davam suporte para compreendermos nosso papel em sala de aula.

Nesse sentido, Beineke (2015) nos ajudou a pensar na necessidade de não deixar que as descobertas fiquem somente a cargo do disponível às crianças em seu entorno imediato, mas que elas deveriam ser provocadas não só à exploração do mundo sonoro, mas também à criação desse mundo. Assim, em algum momento, os sons circundantes deixam de ser compreendidos como sonoridades aleatórias e passam a interagir em múltiplas possibilidades de jogo sonoro. A autora nos desafia a perceber como as crianças se engajam nas atividades propostas e observa a importância de um ambiente de trabalho colaborativo “em que as crianças se sentem seguras para expressar as suas ideias, o que parece ser um reflexo da valorização e do respeito da professora pelos seus modos de fazer e pensar música” (BEINEKE, 2015, p. 54).

Alguns autores nos mostram que trabalhar com a música no ensino infantil resulta em um forte estímulo para as funções cognitivas como foco, percepção sensorial, memória (auditiva, contextual e emocional), as funções motoras trabalhando a psicomotricidade da criança, o desenvolvimento da linguagem verbal e não verbal e também oferece um desenvolvimento socioafetivo e criativo. Segundo Chiarelli e Barreto (2005):

As atividades de musicalização permitem que a criança conheça melhor a si mesma, desenvolvendo sua noção de esquema corporal, e também permitem a comunicação com o outro. Weigel (1988) e Barreto (2000) afirmam que atividades podem contribuir de maneira indelével como reforço no desenvolvimento cognitivo/linguístico, psico-motor e sócio-afetivo, da criança da seguinte forma (CHIARELLI ; BARRETO, 2005, s/p.).

Compreendemos ainda a importância da integração da música com outras linguagens, uma vez que “incluir essas outras formas de expressão não é apenas um recurso para tornar mais prazerosa a aula, mas uma necessidade real, quando se leva em conta tanto as especificidades da música quanto o desenvolvimento infantil” (SCHROEDER e SCHROEDER, 2011, p. 17).

As coisas pareciam fazer sentido. Mas, como isso tudo se daria, de fato, em sala de aula?

O projeto na escola

A escola em que realizamos o projeto de música se encontra no município de Angra dos Reis, no bairro de Jacuecanga. Uma escola pública que possui séries da pré-escola ao quinto ano, com um amplo pátio, refeitório, biblioteca e auditório. As salas de aula têm um tamanho considerável, onde conseguimos realizar as atividades com as turmas, sempre bem decoradas, ventiladas e iluminadas. O projeto já acontecia na escola há um ano, mas as professoras das turmas e os alunos com os quais trabalhamos estavam, assim como nós, participando pela primeira vez³. Eram turmas da Educação Infantil.

Assim como o grupo que nos precedeu, nos dividimos em dois grupos, cada um com três graduandos em pedagogia. Os membros de cada grupo possuíam responsabilidades diferentes na hora de realizar a atividade proposta em sala de aula: o primeiro era aquele que regia a aula, aquele que possuía o primeiro contato com as crianças; o segundo era o auxiliar, que ajudava o regente a organizar a turma e auxiliava os alunos durante toda a atividade; e o terceiro era o observador, esse ficava de fora da atividade observando e anotando pontos importantes na realização dessa aula com os alunos. A cada aula eram invertidas as responsabilidades para que cada um tivesse a oportunidade de exercer os três papéis e ter uma melhor visão sobre eles. Após cada intervenção em sala de aula nos reuníamos com a coordenadora de nosso projeto com o intuito de avaliar a atividade realizada e discutir questões relacionadas ao fazer musical.⁴

Em todas as aulas nós levávamos um peixe de pelúcia que nomeamos como o “Peixe da Fala”. Em roda essa pelúcia passava de mão em mão para que cada aluno tivesse a oportunidade de nos contar algo que lhe aconteceu durante o dia, se assim fosse a sua vontade. Em um dos encontros, em roda, apresentamos aos alunos um instrumento que usaríamos para a atividade daquele dia: as castanholas. A atividade foi inspirada no livro de Tatiane Pires “Música, som, movimento e inclusão: sugestões de atividades lúdico-musicais” (PIRES, 2016). Mostramos como a castanholas poderia ser usada e suas possibilidades sonoras (nós mesmos construímos as castanholas, com papelão, tampa de garrafa pet e cola, como nos ensinou a autora). A curiosidade para pegar no instrumento foi grande, e, na verdade, os alunos nos mostraram muitas outras possibilidades de produzir sons e de

³ O relato dessa primeira experiência pode ser encontrado em Requião (2018).

⁴ Ocorreram um total de oito intervenções no decorrer de um semestre letivo.

variedade de timbres do instrumento! “Da próxima vez, talvez fosse melhor deixar que eles explorem o objeto”, pensamos.

Mas é claro que esse processo não foi tão tranquilo quanto pode parecer. A entrega das castanholas para as crianças foi um pouco conturbada. A aluna Dayane estava responsável em organizar a atividade e, felizmente, soube lidar muito bem com os conflitos em sala. Como as castanholas tinham cores diferentes, gerou-se certo conflito, pois algumas cores pareciam mais atraentes às crianças. A escolha então se deu com as crianças de olhos fechados! Aproveitamos o momento para “cantar” uma história, com uma música criada por nós. Trabalhamos com os sons dos nossos passos, que marcavam o andamento da música, e uma letra em que cada animal falado era a deixa para que os alunos pudessem reproduzir esses passos com as castanholas. A rítmica dos passos variava pelas características de cada animal: os de pé grande, os de perna comprida, os que saltitam e os que se arrastam. Nessa oportunidade pudemos observar como cada criança se relacionava com o andamento proposto, com o andamento imaginado/criado por elas, assim como com a intensidade de cada som produzido. Uma observação mais detalhada só nos foi possível por conta de haver um membro do grupo com essa função, o que nos auxiliou muito na avaliação da atividade realizada posteriormente.

Em outro dia em que estivemos com a turma, propomos a produção de um chocalho. Ali percebemos que não daria certo fazer um chocalho completo auxiliando cada aluno por sua vez, ou mesmo em grupos pequenos. A primeira tentativa foi uma “catástrofe”! A turma ficou totalmente dispersa, até mesmo dificultando os alunos que estavam mais concentrados construindo o instrumento. Foi aí que tivemos a ideia de dividir os alunos em dois grandes grupos. O primeiro grupo colava o fundo do chocalho (feito de rolo de papel) e inseria os grãos de feijão em seu interior. O segundo grupo colava a tampa e decorava o chocalho. O último momento era onde os alunos poderiam utilizá-lo, experimentando suas sonoridades. Propusemos ouvir algumas músicas e incluir os sons dos chocalhos em seu acompanhamento. Contamos histórias e ali estavam também os chocalhos, sonorizando ambientes muito variados, como florestas ou a rodovia Rio-Santos, que fica ali na saída do bairro. Disso tudo, pudemos depreender as múltiplas possibilidades sonoras de instrumentos como a castanhola e o chocalho. Ah, então é disso que se trata o timbre! Mesmo produzido com uma mesma fonte sonora – o chocalho – pudemos ouvir a diferença do som do chocalho da cobra, ou do motor do trator. E sim, a cobra e o trator

produzem sons com intensidades bem contrastantes. A cobra quer se esconder, então busca não fazer barulho apesar do chocalho que carrega. Já o trator, esse não sabe o que é fazer silêncio! Percebemos que instrumentos de percussão têm certa limitação, se comparado a outros, em sua capacidade de manter sua sonoridade com duração prolongada, mas possuem uma grande gama de variações em suas possibilidades de produzir alturas diferenciadas.

A partir desse dia entendemos que na realização de atividades com crianças da Educação Infantil sempre é necessário dar preferência a aquelas que trabalham com todos os alunos ao mesmo tempo, ou divididos em grupos, mas que sempre estejam fazendo algo. A oportunidade de vivenciar essa experiência em nosso futuro ambiente de trabalho nos ensinou muita coisa. Havia muito em jogo. Desde a compreensão das propostas musicais, o “jogo de cintura” no trato com as crianças e, principalmente, a imprevisibilidade dos acontecimentos.

Conclusões? Estamos apenas começando!

Para nós, agora formandas em pedagogia, a participação neste projeto representou uma rica experiência. Proporcionou a quebra da visão que tínhamos, de que a música era algo restrito aos especialistas. Confessamos que os livros didáticos muitas vezes nos dão essa impressão, mesmo os escritos diretamente aos “não especialistas”. Foi necessário consultar uma grande quantidade de materiais até escolhermos as atividades que enfim nos sentimos confortáveis em realizar. Além disso, na maioria das vezes, os planejamentos não davam tão certo, o que nos faz perceber o quanto de conhecimento e experiência é necessário para se tornar “professora”! Porém, a música está aí, e a conhecemos desde muito pequenas. Algumas provocações foram necessárias, sim, explicações, exemplificações e mais um monte de “ões”. Mas a experiência em trabalhar com a música no âmbito escolar, com as sonoridades, sem ser algo somente recreativo como muitas vezes vemos ser esse o papel da música encontra nas escolas, trouxe um aprendizado necessário para nossa formação, além de nos dar muita satisfação e alegria. Foi muito bom ver os alunos construindo instrumentos, proporcionar a eles um contato com a música que não seja somente em ouvi-las nos rádios, celulares e afins, mas também do fazer a música com as próprias mãos (e ouvidos!).

Além disso, a experiência em saber lidar com situações que nos livros e pesquisas na internet não encontramos, mas que poderiam ocorrer (e ocorreram) na realização das atividades em sala de aula; de ter a oportunidade de traçar estratégias para quando o planejado saía do nosso controle; no desafio de compreender e por em prática os elementos utilizados nos livros didáticos, de autores que possuem o conhecimento específico sobre música; isso tudo nos fez compreender o professor como um eterno pesquisador, onde sempre se encontra ensinando e também estudando e aprendendo. (JUNGES; KETZER; OLIVEIRA, 2018).

Nem sempre é possível incorporar imediatamente tudo o que está disponível, desde livros, *lives*, conversas, observações, práticas, etc. Mesmo assim, nos sentimos muito mais preparadas para atuar no âmbito escolar. Essa experiência, tão inesperada quanto imprevisível, nos faz melhor entender o que nos mostra Brito (2010), quando indica a necessidade de “uma organização curricular aberta à emergência de acontecimentos, de interesses e propostas; atenta ao ramificar” (BRITO, 2010, p. 93). É isso o que esse projeto representou pra nós.

Figura 1: Grupo de Pesquisa em Música do IEAR



Fonte: Acervo do projeto

Referências

BEINEKE, Viviane. Ensino musical criativo em atividades de composição na escola básica. *Revista da ABEM*, Londrina, v. 23, p. 42-57, jan./jun. 2015.

BRITO, Teca Alencar de. Ferramentas com brinquedos: a caixa da música. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 24, p. 89-93, set. 2010.

CHIARELLI, Ligia Karina Meneghetti; BARRETO, Sidirley de Jesus. A importância da musicalização na educação infantil e no ensino fundamental: a música como meio de desenvolver a inteligência e a integração do ser. *Revista Recre@rte*. n. 3, 2005.

JUNGES, Fábio César; KETZER, Charles Martin; OLIVEIRA, Vânia Maria Abreu de. Formação Continuada de Professores: Saberes ressignificados e práticas docentes transformadoras. *Educação & Formação*, Fortaleza, v. 3, n. 9, p. 88-101, set./dez. 2018.

LINO, Dulcimarta Lemos. Barulhar: a música das culturas infantis. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 24, p. 81-88, set. 2010.

PIRES, Thatiane. *Música, som, movimento e inclusão: sugestões de atividades lúdico-musicais*. Niterói: Edição do autor, 2016.

REQUIÃO, Luciana. Catástrofe! Interações musicais na educação infantil: experiências com estudantes de pedagogia e livros didáticos. *Revista da Abem*, v. 26, n. 40, p. 41-58, jan./jun. 2018.

SCHROEDER, Sílvia Cordeiro Nassif; SCHROEDER, Jorge Luiz. As crianças pequenas e seus processos de apropriação da música. *Revista da ABEM*, Londrina, v. 19, p. 105-118, jul./dez. 2011.